

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ- REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

MULHERES DA VÁRZEA, UMA ANÁLISE DA PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO
PROCESSO PRODUTIVO NA ILHA DO BAIXIO

BOLSISTA: CLEONICE OLIVEIRA DE ANDRADE- FAPEAM

MANAUS
2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ- REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL
PIB H- 0054/2012

MULHERES DA VÁRZEA, UMA ANÁLISE DA PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO
PROCESSO PRODUTIVO NA ILHA DO BAIXIO

Bolsista: Cleonice Oliveira de Andrade- FAPEAM
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Kátia Helena Serafina Cruz Schweickardt

MANAUS
2012

RESUMO

A presente pesquisa é um sub-projeto do Projeto de Pesquisa *Mulheres da Floresta: memória, território e políticas públicas nas várzeas do Amazonas* e visa descrever, a partir da percepção das mulheres da Ilha do Baixio, como se dá a sua inserção no processo produtivo local e analisar as estratégias dessas mulheres, visando a construção de processos de desenvolvimento mais sustentáveis a partir das mudanças sociais com a implantação do Projeto de Assentamento Agroextrativista pelo INCRA.

Em termos gerais, esta pesquisa pretende descrever etnograficamente a participação das mulheres na construção das organizações sociais do PAE da Ilha, assim como suas atividades nos processos produtivos, focando especificamente na descrição e análise das mudanças sociais causadas pela transformação da Ilha do Baixio em um projeto de Assentamento Agroextrativista de várzea através da percepção das mulheres que lá vivem; na descrição das principais atividades desenvolvidas pelas mulheres da Ilha do Baixio, a partir da dinâmica do seu cotidiano; e na identificação das formas de organização social, formais e informais existentes na Ilha do Baixio e analisar como se dá a participação das mulheres nessas organizações; assim como na análise da contribuição da associação das mulheres da Ilha do Baixio no processo produtivo do PAE.

Palavras Chave: várzea; processo produtivo; mulheres da floresta; projeto de assentamento agroextrativista.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	4
LISTA DE SIGLAS	5
1. INTRODUÇÃO	6
2. REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1. A cultura da juta e malva	10
2.2 O processo produtivo da Ilha do Baixio e a questão agrária	11
2.3 Assentamentos Rurais nas áreas de várzea	13
2.4 Gênero e produção na várzea	15
2.5 A participação das mulheres na cultura das hortaliças	16
2.6 Festas na Ilha do Baixio.....	18
2.7. A Ilha do Baixio e o Desenvolvimento Sustentável.....	20
3. RESULTADOS E APONTAMENTOS	22
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33

LISTA DE FIGURAS

Figuras 1 e 2: Fotos das plantações de hortaliças na comunidade Santa Luzia

Figuras 3 e 4: Fotos das casas construídas pelo Assentamento do INCRA

Figuras 5 e 6: Fotos das mulheres da comunidade no cultivo das hortaliças

Figuras 7 e 8: Fotos das mulheres da comunidade na preparação de doces

Figuras 9 e 10: Fotos dos homens da comunidade trabalhando nas festas das hortaliças

Figuras 11 e 12: Fotos da enchente 2011 e 2012

Figuras 13 e 14: Fotos da palestra sobre o dia mundial do meio ambiente

Figuras 15 e 16: Fotos da comunidade na época da seca

Figuras 17 e 18: Fotos da palestra sobre a preparação do sabão ecológico

Figuras 19 e 20: Fotos da oficina de pintura em pano de prato

Figuras 21 e 22: Fotos da oficina de pintura em fibra de juta

LISTA DE SIGLAS

CANAs- Colônias Agrícolas Nacionais

CAPAS- Centro de Apoio ao Pequeno agricultor

INCRA- Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

IDAM- Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e florestal Sustentável do Estado do Amazonas

PAE-Projeto de Assentamento Agroextrativista

PDS- Projeto de Desenvolvimento Sustentável

PPGCASA- Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade da Amazônia

RDS- Reserva de Desenvolvimento Sustentável

SPU- Serviço de Patrimônio da União

UFAM- Universidade Federal do Amazonas

1. INTRODUÇÃO

O presente projeto está vinculado a uma pesquisa mais abrangente intitulada “Mulheres da floresta: memória, território e políticas públicas nas várzeas do Amazonas”, financiado pelo CNPq, coordenada pela Prof. Dra. Kátia Helena Serafina Cruz Schweickardt, do Departamento de Ciências Sociais/ ICHL que visa descrever, a partir da percepção das mulheres da Ilha do Baixio, como se dá a sua inserção no processo produtivo local e analisar as estratégias dessas mulheres, visando a construção de processos de desenvolvimento mais sustentáveis a partir das mudanças sociais com a implantação do Projeto de Assentamento Agroextrativista pelo INCRA.

A Ilha do Baixio é formada por florestas inundadas onde predomina o ecossistema de várzea. Esse ecossistema é caracterizado por uma grande concentração de biodiversidade e por expressiva variação no nível das águas, que oscila entre 8m na estação seca, e 15m na estação das chuvas (AYRES, 1993).

Quando fomos pela primeira vez à Ilha em janeiro de 2011, estava na época da seca, atravessamos na balsa até o Cacau Pirera que levou cerca de quarenta e minutos aproximadamente, passamos por debaixo da ponte até então em fase de construção, esperando o grande momento de sua inauguração, pois facilitaria o acesso ao Iranduba, mas logo ela se tornaria realidade, faltava muito pouco.

Chegando lá, encontramos muito verde, como o campo de futebol, plantação de cebolinha entre outras hortaliças. Observamos também algumas casas do Projeto de Assentamento do INCRA, inclusive com ar condicionado. Foi totalmente diferente daquilo que eu imaginava, pois não sabia que a comunidade era tão organizada. É na época da seca que se inicia o plantio da agricultura na várzea amazônica.



Figuras 1 e 2: Plantação de hortaliças na Comunidade Santa Luzia do Baixio
Foto: Diego Costa de Oliveira, Setembro, 2011.

Segundo Fraxe (2000), a agricultura é praticada de setembro a abril no solo enriquecido pelo limo, anualmente renovável. Em virtude da grande produtividade da agricultura, da caça e da pesca e das técnicas de armazenamento e conservação de alimentos que as populações da várzea desenvolveram (e que se encontram ou não acessíveis em terras firmes).

A nossa primeira reunião com o grupo de mulheres foi na associação de moradores ou *clubinho* como elas costumam dizer, fazendo referência. Estavam aproximadamente dezesseis mulheres, entre elas, agricultoras, dona de casa e outras que trabalhavam na escola da comunidade como serviços gerais, merendeira, trabalhos administrativos e professoras.

A identificação do cotidiano, tecido por seus modos de vida, pode ajudar a entender aspectos fundamentais e singulares da percepção dessas mulheres sobre o território. Para Castro apud Simonian (2001), a compreensão da sua concepção de territorialidade só pode ser percebida no interior das relações que estruturam e organizam sua própria vida coletiva, e da reprodução social do grupo, no âmbito das quais as mulheres tem desempenhado historicamente papel fundamental.

Face a isso, muitos trabalhos relacionados às questões de gênero entre grupos sociais ligados ao campo no Brasil, estiveram voltados para a esfera do trabalho, visando considerar as inúmeras atividades desenvolvidas pela mulher no lar e nas pequenas propriedades agrícolas, como forma de torná-las visíveis e mais valorizadas (PAULILO & CYRINO, 2009).

Durante o período da pesquisa, pude perceber através de entrevistas realizadas com algumas mulheres da comunidade como elas tem papel importante na família, elas são mães, esposas, donas de casa, e também muitas ajudam na agricultura. Elas participam ativamente das reuniões realizadas pelo grupo de pesquisa.

Pensar uma dada realidade social a partir da Sociologia do gênero, mesmo que se constituindo num campo de investigação científico conflitivo e pouco consensual (Cyrino, 2009), vem cada vez mais ganhando legitimidade no espaço acadêmico. Autoras como Scott (1991) há muito defendem que o gênero é uma categoria analítica que estrutura o sistema perceptivo dos indivíduos e remete à organização concreta de toda vida social.

O discurso em torno da noção de desenvolvimento sustentável, a despeito de sua ambigüidade tem trazido à tona formas tradicionais de trabalho, agora tornadas visíveis com base numa economia de recursos naturais. Tratar de economia de grupos sociais da floresta

pelo argumento da simplicidade é um reducionismo que mascara a complexidade de tais relações.

Uma análise mais cuidadosa das formas de cumprir um calendário agroextrativo, por parte das mulheres, dentro do qual se inclui a agricultura de mandioca e de outras raízes e frutos, a pesca, a caça, o manejo de espécies extrativas, coleta de sementes oleaginosas revelam formas de produção e de organização social interna complexa e singular do ponto de vista social e cultural.

Nessa perspectiva, segundo Schweichardt (2010), construir um olhar mais interrogativo sobre o conjunto dos atores sociais da floresta, no interior da Amazônia, dando especial destaque à voz e à percepção das mulheres no processo produtivo na comunidade de Santa Luzia, pode nos tornar capazes de captar outras relações lógicas que nos ajudem a compreender como esses atores conseguem reinventar cotidianamente práticas de cuidar da vida, em situação, na maior parte das vezes, extremamente difíceis.

Desse modo, o objetivo do presente projeto é descrever etnograficamente a participação das mulheres na construção das organizações sociais do PAE da Ilha, assim como suas atividades nos processos produtivos. Analisar as mudanças sociais causadas pela transformação da Ilha do Baixio em um projeto de Assentamento Agroextrativista de várzea através da percepção das mulheres que lá vivem.

Dentro disso, nos propomos a descrever as principais atividades desenvolvidas pelas mulheres da Ilha do Baixio, a partir da dinâmica do seu cotidiano. Identificar as formas de organização social, formais e informais existentes na ilha do Baixio e analisar como se dá a participação das mulheres nessas organizações, assim como fazer uma análise da contribuição do grupo das mulheres unidas do Baixio no processo produtivo do PAE.

Para atender a esses objetivos da pesquisa, temos utilizado métodos qualitativos, como a etnografia, o método de reconstrução da memória social, a observação participante, a pesquisa bibliográfica e de arquivo.

A **etnografia**, segundo Erickson (1990), pode ser considerada como um processo deliberado de investigação guiado por um ponto vista. E tem como principal preocupação o significado das ações e os eventos dos atores ou grupos pesquisados relacionado na maioria das vezes à descrição da cultura. A tarefa do etnógrafo consiste na aproximação gradativa ao significado ou à compreensão dos interlocutores, isto é, de uma posição de estranho o etnógrafo vai compartilhando com eles os significados e criando o texto científico envolvendo a percepção dos atores envolvidos. Geertz (1989) afirma que há três características da

descrição etnográfica: ela é interpretativa; o que ela interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o dito num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em forma compreensíveis.

No método de **reconstrução da memória social**, Halbwachs (1990), afirma que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. Ao mesmo tempo, a lembrança do passado informa o grupo sobre o seu presente, de forma que o passado e presente constroem-se mutuamente e são socialmente percebidos por meio de informações que um projeta sobre o outro. A memória coletiva tem também um papel importante na construção da identidade do grupo. Os indivíduos se apresentam aos outros e enxergam a si mesmos tendo como referencial básico as suas origens, desenhadas a partir de uma memória compartilhada e transmitida através de gerações. Para Halbwachs, não há memória individual independente, a fonte de toda memória é coletiva, mesmo que possua uma natureza dialógica, negocial, conflitual e intertextual. Desse modo, a memória coletiva pode ser compreendida como a moldura cultural que define os parâmetros para a realização dos processos cognitivos da memória particular de cada indivíduo que dela participa (CONNERTON, 1993).

Sempre conjugada com entrevistas e leituras de relatórios elaborados pelos atores envolvidos, **a observação participante** tem sido importante na realização dos objetivos visados com relação aos conflitos e processos de negociação. A pesquisa bibliográfica e de arquivo é especialmente produtiva nesta pesquisa, pois existem textos analíticos e relatórios produzidos por pesquisadores (das ciências naturais e sociais), gestores públicos (INCRA; SPU) e consultores e assessores, como os agentes da comissão Pastoral da Terra do Amazonas.

Quando fomos fazer nossa segunda visita de campo, observamos fomos ganhando aos poucos a confiança das mulheres da comunidade, pois levamos para a comunidade nossa primeira oficina, com o tema “dia mundial do meio ambiente”, onde fizemos palestras com as crianças sobre a importância de preservar o lugar em que vivemos. Estavam presentes nessa reunião vinte e três mulheres da comunidade.

Em outro momento, fizemos também uma palestra sobre como fazer o sabão ecológico e as mulheres ficaram muito interessadas em aprender, porque além da economia no orçamento doméstico, ele também ajuda a preservar o meio ambiente, já que se usa na receita o óleo usado de cozinha que não será jogado no rio.

Conversamos também com elas sobre a retomada do processo de organização do Grupo de Mulheres Unidas do Baixio, e elas se interessaram muito sobre o assunto. Pouco a pouco fomos conquistando a confiança das mulheres, foi nesse dia que conseguimos fazer nossa primeira entrevista.

Nessa primeira entrevista percebi o quanto é importante a agricultura na vida dessas pessoas, pois para a maioria é a única fonte de renda da família. A agricultura é praticada pelos membros da família, todos trabalham em união, elas cultivam várias espécies de frutas e hortaliças como: a cebolinha, couve, pepino, tomate, jerimum, maxixe, quiabo, feijão de corda, melancia entre outros que são tanto para venda como para consumo.

Muitas famílias possuem canteiros suspensos em suas casas, para o consumo na época da cheia, pois é nesse período que eles mais sofrem com a escassez das hortaliças e frutas. Além da agricultura, a pesca também tem papel fundamental na vida dessas pessoas, elas pescam o ano todo, tanto na cheia como na vazante, sempre tem o peixe para o consumo da família ou na maioria das vezes também para venda.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. A cultura da juta e malva

Segundo algumas entrevistas que fiz com as mulheres da comunidade, elas relataram que na Ilha do Baixio nem sempre as pessoas viveram do cultivo das hortaliças. Num passado recente, elas cultivavam juta e malva. A cultura de juta e malva deu início com a imigração japonesa na Amazônia.

Segundo Homma (2010), a imigração japonesa no estado do Amazonas tem origem muito antes da data oficial de 18 de junho de 1908, com a chegada do navio Kasato Maru, no porto de Santos, cujo centenário foi comemorado em 2008.

Com a crise da borracha, a economia da Amazônia ficou, praticamente, estagnada no período de 1920 a 1940. Com outros produtos extrativos tentou-se reequacionar o desequilíbrio da economia, entre eles destacou-se a extração do óleo essencial de pau-rosa e a castanha-do-pará. Porém, nenhum desses produtos conseguiu recuperar a primazia da seringueira. As atividades agrícolas e a população rural se distribuíram ao longo dos rios, onde o transporte fluvial era, e ainda é, o mais importante. A introdução da lavoura da juta

marcou agricultura nas várzeas dos Estados do Amazonas e Pará, com o envolvimento de mais de 60 mil famílias, no seu auge na década de 1960. Outro aspecto da juta foi de provocar a valorização da malva, que era uma erva daninha cujas sementes ficam conservadas no solo por vários anos, a espera do momento oportuno para a germinação (HOMMA, 2010).

O sucesso da cultura da juta nas várzeas dos Estados do Amazonas e Pará trouxe uma prosperidade momentânea para os imigrantes japoneses e respeito por parte dos brasileiros. Ocorreu um rápido processo de democratização dessa cultura com a sua difusão feita pelos ribeirinhos amazonenses e paraenses (HOMMA ET AL 2011).

Porém, em razão da baixa lucratividade, e por ser altamente intensiva a mão de obra e por ter um processo de trabalho extremamente perigoso, com muitos transtornos, principalmente para a saúde dos trabalhadores, aos poucos esses trabalhadores da juta foram deixando a atividade. Algumas mulheres relataram que até hoje sofrem com as consequências do trabalho da juta e malva, pois elas disseram que era um trabalho muito pesado, pois trabalhavam o tempo todo dentro d'água, e com o passar do tempo elas acabavam adoecendo.

Com o surgimento da agricultura na Ilha do Baixio por volta dos anos de 1980, por incentivo do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas - IDAM, segundo alguns relatos dos moradores da comunidade, todos ficaram muito felizes, pois cada um podia fazer seu próprio roçado contribuindo assim com a renda da família e para seu próprio consumo. Eles vendem como principal produto a melancia, mas também as hortaliças em geral.

2.2 O processo produtivo da Ilha do Baixio e a questão agrária

Na nossa primeira visita de campo, a professora Kátia Schweickardt apresentou as linhas gerais do projeto e falou também da relevância de estudos a partir da percepção das mulheres acerca da atuação do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA – na realidade da várzea. Ela relatou um pouco de sua experiência vivenciada com as mulheres seringueiras do Juruá.

Na apresentação do projeto para as mulheres da comunidade, a professora aproveitou para dar sua contribuição acerca da questão agrária no Estado do Amazonas, a jurisdição das terras do Estado e da parceria entre INCRA e o Serviço de Patrimônio da União – SPU – na criação do PAE na Ilha do Baixio. A maioria das mulheres que estavam presentes naquela reunião não souberam dar muitas informações sobre os órgãos.

Historicamente, a orientação das políticas governamentais se fez no sentido do uso intensivo da terra e dos recursos naturais. Tanto os empreendimentos agropecuários, quanto os projetos convencionais de assentamento de pequenos produtores, meta fundamental das políticas executadas pelo INCRA na Amazônia entre a década de 1970 e o final da década de 1990, foram desenhados a partir do modelo de uso intensivo dos recursos naturais, sobretudo florestas, solo e água (SCHWEICKARDT, 2011).

A Amazônia, que abriga imensa bacia hidrográfica, ainda hoje expõe, nas calhas de seus rios, uma diversidade de modos de vida, relacionados não apenas ao uso e posse das áreas de terra firme, mas também ao uso e as formas de domínio sobre as áreas de várzeas (Fraxe, 2000; Lima, 2005; Witkoski 2007) e sobre as águas nas quais seus habitantes praticam invariavelmente a pesca, conjugada de vários modos a outras atividades econômicas. Não só em terra firme, mas também nas áreas de várzeas e sobre as águas, constroem seus caminhos, suas casas e escolas flutuantes (Schweickardt, 2011, p. 186).

Segundo Schweickardt (2011), a ideia subjacente a toda a estratégia de territorialização que já vinha sendo posta em prática desde os anos de 1930, com a implantação das Colônias Agrícolas Nacionais (CANAs) e passou a ser sistematicamente implantada a partir do governos militares, era a de converter a natureza pensada como improdutiva de uma região imaginada como demograficamente vazia e economicamente desintegrada do resto do país, convertendo-a em áreas produtivas voltadas para o mercado.

A Amazônia começava a se transformar num “imenso laboratório de políticas e projetos que, de uma forma ou de outra, tentam compatibilizar a presença dos habitantes com algum tipo de medidas visando a conservação dos ecossistemas em que vivem” (Esterci apud Esterci e Schweickardt, 2011). Segundo esta autora, a implementação desses projetos e políticas levou a demarcação de uns espaços, a redefinição e reclassificação de outros, assim como a reclassificação dos próprios segmentos sociais afetados (Schweickardt apud Esterci e Schweickardt, 2011).

Partilhando do conceito de Leite Lopes (2004), poderíamos caracterizar este processo como a “ambientalização” da gestão territorial na Amazônia. Mais que a definição de um fenômeno moderno, o conceito diz respeito, entre outras coisas, ao modo como os diversos atores (trabalhadores, empresários) e, sobretudo o Estado e suas agências, passam a utilizar a questão ambiental como repertório de expressão de seus interesses e reivindicações (Schweickardt, 2010, p.310).

Segundo Schweickardt (2010), o INCRA se espelhando em outra categoria de unidade de conservação, criou uma modalidade de Assentamento voltado para o “desenvolvimento sustentável”, o Projeto de Desenvolvimento Sustentável-PDS, num paralelo com a Reserva de Desenvolvimento Sustentável-RDS. O primeiro criado no Brasil e no Estado do Amazonas, o PDS Morena, no município de Presidente Figueiredo. Só que diferente da RDS, o PDS visava ser um meio termo entre o Projeto de Assentamento convencional, onde se tinha a formação do assentamento com populações de diferentes procedências e o loteamento individual, e o Projeto Agroextrativista onde a população, preferencialmente, seria local, com experiência na atividade extrativista e no uso coletivo da terra.

2.3 Assentamentos Rurais nas áreas de várzea

A Ilha do Baixio foi transformada em Projeto de Assentamento do INCRA, no ano 2000, embora as mulheres entrevistadas declarassem desconhecer a data precisa. Elas só sabem dizer que o Projeto de Assentamento do INCRA trouxe muitos benefícios para muitas famílias, um exemplo que elas citam é que muitas famílias moravam juntas. Agora, com o Projeto filhos casados já tem sua casa própria, com exceção de alguns que não conseguiram segundo elas, porque tem renda fixa como aposentadoria, ou trabalha com remuneração. Mas para a maioria que vive só da agricultura, a casa do INCRA foi um apoio importante. As mulheres entrevistadas também não souberam informar quanto tempo levariam para pagar essas casas e nem sabiam quanto elas custavam. Essas casas são construídas em madeira, mas são bem feitas, a estrutura é feita para área de várzea, muitas delas com ar condicionado, uma visão diferente daquilo que imaginava que tinha na comunidade.



Figuras 3 e 4: Casas construídas pelo projeto de Assentamento do INCRA.
Foto: Diego Costa de Oliveira, Junho, 2011.

Reforma agrária e Assentamentos são expressões habitualmente usadas com o mesmo significado. Fica difícil estabelecer onde uma se insere na outra, onde uma começa e a outra termina. Uma possível distinção de ordem prática está em considerar a reforma agrária como regularização fundiária, no sentido de torná-la mais equânime. Já o assentamento compreenderia, basicamente, as ações de natureza prática que se iniciaria com a seleção dos beneficiários da reforma agrária e se encerraria no momento em que eles tomassem posse do lote que lhes tenha sido destinados (PALMEIRA, 1994).

Como a maioria das autarquias federais, sobretudo as originadas da ditadura militar, o INCRA, até o final da década de 1990, teve o poder de definição de suas políticas concentrado na administração central, em Brasília ignorou os particularismos regionais e se impôs ao planejamento estadual e municipal. Tratava-se de preparar as condições para a empresa capitalista (SCHWEICKARDT, 2011).

A partir dos anos de 1980, no entanto, ficou evidente o fracasso dos grandes projetos agropecuários, com base no modelo desenvolvimentista na região, e o Estado retirou, então, o “suporte ou incentivo a agropecuária regional para otimizar os resultados globais da produção” (Costa, 2000), o que, de certa forma, veio ao encontro das preocupações ambientais com a Região, que já começavam a despontar (apud, Schweickardt 2011. p.187).

Na fase de assentamento ocorre, às vezes, uma relação de “estranheza” com a terra que é atribuída aos assentados. Ao ser cadastrada, a família de trabalhadores rurais passa a sujeitar-se a uma série de regras fixadas para ela e não por ela. A escolha das culturas, a construção da moradia e da agrovila, a forma de se explorar a terra são colocadas pelos “outros”. O fato de terem postos como iguais no momento da luta não significa necessariamente sua disposição de estruturar-se coletivamente para a organização social da produção, mesmo porque a perspectiva de construção de uma coletividade rural de produtores em cooperação não é necessariamente produto da vontade dos trabalhadores, resposta a uma decisão de modelo cooperativo forjado nas instâncias do poder (FERRANTE, 1994).

Em termos de política fundiária, as áreas de várzeas estão sob jurisdição do Serviço de Patrimônio da União- SPU, a quem caberia arrecadar as chamadas “terras devolutas” e matriculá-las em nome da União concedendo o usufruto aos moradores, segundo restrições em virtude da fragilidade ecológica daquele ecossistema (SCHWEICKARDT, 2010).

Como a representação de tal ente da federação no Amazonas não dispõe de quadro técnico suficiente para atuar na regularização fundiária das imensas faixas de várzea do Estado do Amazonas e nem se dispõe de recursos orçamentários e financeiros para trabalhar com tais populações, por

iniciativa dos gestores orçamentárias e financeiros para trabalhar com tais populações, por iniciativa dos gestores dos dois órgãos federais, SPU e INCRA, no Amazonas, foi firmado um Acordo de Cooperação Técnica para que o INCRA pudesse atuar nas referidas áreas de várzea com os recursos do programa nacional de reforma agrária (Schweickardt, 2010, p.6).

Desse modo, a Ilha do Baixio foi transformada no Projeto de Assentamento Agroextrativista da Ilha do Baixio e seus moradores da várzea tornaram-se assentados do INCRA.

2.4 Gênero e produção na várzea

Na construção da categoria “trabalho”, seja ele remunerado ou não, sempre se mostrou relevante para o pensamento feminista. Considerar trabalho as inúmeras atividades desenvolvidas pela mulher no lar e nas pequenas propriedades agrícolas, foi uma forma de torná-las visíveis e mais valorizadas. Quanto ao trabalho remunerado, ele foi considerado fundamental, pois em uma sociedade em que tudo se compra o acesso da mulher a alguma forma de renda própria poderia torná-la mais independente do marido e mais participante nas decisões que envolvem tanto o grupo doméstico como a sociedade mais ampla. Quatro décadas de feminismo não diminuíram a importância dessa categoria. É ela que está no cerne de uma das principais conquistas dos movimentos de mulheres agricultoras, que junto com outros movimentos sociais ligados ao campo, lutou para que as esposas envolvidas na produção agrícola familiar fossem consideradas “produtoras rurais” e não “do lar” (PAULILO, 2009).

Na história recente da Amazônia, muito se tem falado sobre a importância feminina nos processos de desenvolvimento. De fato, além de sua colaboração fundamental, em termos do processo de reprodução social e biológica, a contribuição das mulheres nos processos de produção agrícola, extrativista e artesanal local tem sido largamente relevada, especialmente entre mulheres indígenas (Chernela, 1986, Ravena, 1996, Velthem, 1995) e entre as extrativistas (Simonian, 2001; Almeida, 1995) (Schweickardt apud, 2010).

Durante o primeiro semestre da pesquisa pude observar que as mulheres da comunidade procuram participar de todas as atividades, elas são donas de casa, ajudam na agricultura, trabalham na escola, outras são aposentadas, mas não deixam de dar sua contribuição para ajudar a comunidade a se desenvolver cada vez mais, não esquecendo também, a grande contribuição e união dessas mulheres nas organizações das festas sociais da comunidade.

Nos últimos anos, tem crescido o reconhecimento da participação de mulheres, seja na esfera do trabalho, seja na esfera política. A Conferência de Beijing, promovida pela ONU em 1995 foi transformada, segundo alguns autores (Abramovay, Lerner, 1995), em um marco importante para os avanços teóricos, mesmo setores importantes da sociedade em geral ainda resistam em confirmar na prática as resoluções acordadas (Simonian, 2001).

Na comunidade pesquisada, o processo de produção na várzea tem participação das mulheres no cultivo das hortaliças, elas também têm canteiros suspensos com suas plantações de cebolinhas, couve, alface entre outros, para o consumo da família na época da cheia, pois toda a produção é retirada antes da chegada da enchente para a venda e também para o consumo.



Figuras 5 e 6: Mulheres da comunidade no cultivo das hortaliças, Comunidade de Santa Luzia
Fonte: Diego Costa de Oliveira, dezembro 2011.

Segundo Simonian (2001), a diversidade de perspectivas na participação das mulheres em programas de desenvolvimento é grande, mesmo que em diversos contextos sem muita visibilidade. Na literatura, há diversos exemplos da relação íntima das mulheres com os recursos naturais na Amazônia brasileira (Kainer, Duryea; Simonian, 1988), onde as mulheres têm grande controle sobre os conhecimentos da biodiversidade (Schweickardt apud 2010).

2.5 A participação das mulheres na cultura das hortaliças

No cultivo das hortaliças, segundo algumas entrevistas realizadas com as mulheres da comunidade, elas relataram que todos da família contribuem, elas plantam cebolinha, pepino, tomate, pimentão, jerimum, quiabo, maxixe, feijão de corda, couve, alface, melancia, entre outros. A maior parte da produção das hortaliças é vendida para a cidade de Manaus com grande destaque a melancia, apesar da Ilha do Baixo pertencer ao município de Iranduba.

Uma das maiores dificuldades que elas diziam ter era o meio de transporte para vender suas verduras, pois tinham que levar até o Iranduba, depois pegar a balsa até Manaus, muitos vendem para os atravessadores, tornando assim as vendas das verduras mais baratas, chegando às feiras de Manaus com um preço bastante elevado. Agora com a ponte sobre o Rio Negro finalizado, o acesso à Manaus vai ficar muito mais rápido, os agricultores poderão ir direto para Manaus e vender suas hortaliças por um preço mais justo.

Durante o período da pesquisa, realizamos várias oficinas com as mulheres. Essas oficinas são uma contrapartida do Projeto de Pesquisa e Extensão coordenado pela Prof. Kátia junto às mulheres da Ilha. Dentre essas, teve destaque a oficina de preparação e armazenamento de doces caseiros, onde elas se interessaram muito, porque a produção de melancia, jerimum e outras frutas chegam a estragar além de possibilitar a geração de uma renda extra com a comercialização dos doces.



Figuras 7 e 8: Mulheres da comunidade na preparação de doces, Comunidade de Santa Luzia
Fonte: Diego Costa de Oliveira, dezembro 2011

No dia da oficina de doces de melancia e jerimum, antes de começar as aulas, o professor Lamarão que é engenheiro de alimentos da Universidade do Amazonas, fez uma palestra sobre a higiene e manipulação de alimentos, pois segundo ele, trabalhar com alimentos, também é ter cuidado com a saúde. Para a maioria das mulheres, essa era a primeira vez que estavam lidando com doces de melancia e jerimum.

Aquela palestra foi de fundamental importância para todos que estavam presente, pois muitas coisas sobre os alimentos foram aprendidas naquele dia. O Prof. Lamarão passou uns slides para as mulheres presentes sobre como os alimentos podem estar contaminados por bactérias que mal podemos imaginar que existiria. Antes de começarmos a fazer os doces, o

professor disse que tínhamos que limpar bem o local onde ia ser preparado os alimentos, então limpamos bem o local e seguida começamos a fazer os doces. O grupo foi dividido em três equipes o grupo de doce da polpa da melancia, o grupo do doce da casca da melancia, e o grupo do doce de jerimum. Todos ajudaram na preparação dos doces, e o resultado final foi muito bom, tanto que não sobrou nada dos doces que preparamos como primeira experiência.

Esses doces, elas poderão aperfeiçoar, e fazer para vender na Festa das Hortaliças, momento muito valorizado na vida social da comunidade, com potes devidamente higienizados e personalizados, elas gostaram muito da ideia, pois seriam mais um meio delas contribuírem com uma renda extra para ajudar na família. Ficamos de voltar novamente com a oficina dos doces para elas aprenderem a fazer outros tipos de doces como o doce de goiaba e o doce de caju.

2.6 Festas na Ilha do Baixio

A Ilha do Baixio realiza algumas festas importantes na comunidade, são elas: Copa Baixio de Futebol de Campo que é realizada de janeiro a abril, a Festa das Hortaliças que geralmente acontece entre os meses de novembro ou dezembro. Em 2011 aconteceram dias 04 e 05 de novembro. Sendo uma das principais festas que a comunidade realiza, ela já está no seu quinto ano e a cada ano que passa ela leva mais turistas para a comunidade. Esta festa mobiliza toda a comunidade, entre homens, mulheres e crianças, todos participam ativamente para que tudo ocorra bem no dia da grande festa. Outra festa também importante é a festa da padroeira da Ilha do Baixio que é a festa de Santa Luzia que acontece no mês de dezembro, com a realização de um arraial durante toda uma semana.

As mulheres ficam encarregadas com os serviços da cozinha e as também colaboram com ornamentação da Ilha, e elas preparam suas mudas de plantas medicinais e também mudas de hortaliças para serem vendidas na festa, os homens ficam com a parte mais pesada, como construir as barracas e os serviços mais pesados, os jovens ficam responsáveis pelas maquetes da comunidade.



Figuras 9 e 10: Homens da comunidade trabalhando na preparação da Festa das Hortaliças, Comunidade Santa Luzia
Foto: Diego Costa de Oliveira, Dezembro 2011.

Como a maioria dos moradores da comunidade é católica, a festa destina-se em prol da construção da Igreja. A festa é bastante divulgada pela imprensa e leva milhares de pessoas à comunidade, sobretudo agora com o término da construção da ponte, que liga Manaus à Iranduba e vice-versa, que tornou mais rápido o acesso à comunidade.

No primeiro semestre da pesquisa, fizemos várias oficinas incentivando as mulheres da comunidade a reativar o Grupo de Mulheres Unidas do Baixo, e também para que elas tenham uma renda a mais para contribuir com a família, não só na época das festas, como também todos os dias do ano.

Nossa primeira oficina foi sobre a fabricação do sabão ecológico, elas prestaram muita atenção na palestra da professora Rosa, pois além na economia no orçamento doméstico, elas estariam ajudando o meio ambiente, porque o sabão ecológico é feito do óleo de cozinha usado, e assim esse resíduo não seria jogado no rio, poluindo o ambiente. Ao mesmo tempo, elas estariam economizando, porque o sabão ecológico sai por um preço acessível para todas e tem ótimo rendimento.

Depois do sabão ecológico, fizemos a oficina de pintura em pano de pratos, e elas chegaram até a se surpreender com os seus talentos artísticos, pois muitas diziam que não sabiam desenhar nada e muito menos pintar, elas se dedicaram muito na oficina. Aprenderam as técnicas de pintura em pano de pratos, e no final saíram panos de prato muito lindos, deixando-as alegres e orgulhosas com seus trabalhos. Esse trabalho também poderia gerar uma renda extra para elas, pois poderiam personalizar esses panos e vender nas festas e até mesmo em outra ocasião.

Outra oficina que as mulheres gostaram muito foi a oficina do pão caseiro, pois também ele traz economia para a família, além de ser muito nutritivo, elas poderiam fazer o

pão para o consumo da família e para venda, elas gostaram muito da ideia e falaram que iam continuar fazendo o pão caseiro.

A oficina dos doces foi muito proveitosa para elas, porque estragava muito as melancias e jerimuns, justamente o professor Lamarão fez os doces de melancia, jerimum, elas aprovaram os doces, eles também poderiam ser feitos para o consumo e venda, elas pediram para ser feitas mais oficinas de outras frutas e nós pretendemos fazer outras para o próximo semestre. Todas ficaram muito felizes com as nossas oficinas e palestras, elas falaram que aprenderam muito conosco e nós aprendemos também com elas. Todas essas oficinas e palestras foram realizadas na escola da comunidade.

2.7. A Ilha do Baixo e o Desenvolvimento Sustentável

Para Schweickardt discurso em torno da noção de desenvolvimento sustentável, a despeito de sua ambiguidade tem trazido à tona formas tradicionais e trabalho, agora tornadas visíveis com base numa economia de recursos naturais. Tratar a economia de grupos sociais da floresta pelo argumento da simplicidade é um reducionismo que mascara a complexidade de tais relações. Uma análise mais cuidadosa das formas de cumprir um calendário agroextrativo, por parte das mulheres, dentro do qual se inclui a agricultura da mandioca e de outras raízes e frutos, a pesca e a caça, o manejo de espécies extrativas, coleta de sementes oleaginosas revelam formas de produção e de organização social interna complexas e singulares do ponto de vista social e cultural.

As oficinas realizadas na comunidade ajudaram muito as mulheres a compreenderem que preservar o lugar onde moramos é importante. Na oficina sobre o dia mundial do meio ambiente que foi realizada em junho de 2011, não só as mulheres como também as crianças da comunidade participaram das palestras.

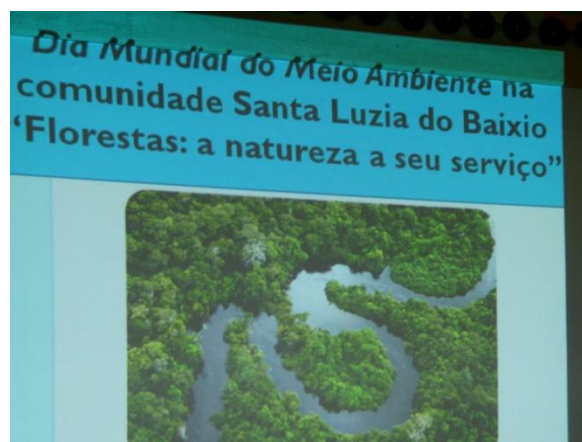
A professora Kátia iniciou sua palestra sobre o dia mundial do meio ambiente explicando para as crianças como surgiu o dia mundial do meio ambiente e como é importante não só para os seres humanos como também para os animais a preservação do ambiente em que vivemos. Em seguida a professora Josane fez sua palestra com o tema “florestas: a natureza a seu serviço”, ela fala sobre a questão do lixo, a importância sobre a separação do lixo, como podemos conviver com o lixo sem degradar o meio ambiente, todos se interessaram muito pela palestra da professora Josane.

A palestra da professora Thelma foi sobre a reciclagem, ela falou sobre as várias maneiras de se reciclar o lixo que consumimos no dia-a-dia como as garrafas pet,

principalmente ensinando as crianças a não jogar as garrafinhas no rio, ela também ensinou sobre a reciclagem de outros objetos como as latinhas de refrigerante e suas tampinhas e as latas de leite e de outras latas também. Ela ensinou que com a reciclagem podemos diminuir a poluição do solo, da água e do ar, melhora a limpeza da cidade, a qualidade de vida da população, gera empregos para a população, entre outros benefícios.

A palestra da professora Rosa foi sobre o sabão ecológico, uma boa alternativa para preservar o meio ambiente. Ela falou da importância da preservação do meio ambiente, não jogando mais o óleo usado no rio, e sim juntar o óleo usado para a fabricação do sabão ecológico, ele é simples de fazer, é de pouco custo e rende bastante, todos ficaram bastante interessados na fabricação do sabão ecológico.

Logo após a palestra fizemos interação com as crianças, a equipe improvisou uma dança com elas, foi a dança da cobra, elas se divertiram, em seguida a professora Telma dividiu a equipe para ficar responsável para contar historinhas sempre relacionadas com o meio ambiente para as crianças, depois de lermos as historinhas para elas, cada uma tinha que fazer catazes e frases representando o que podemos fazer para melhorar o ambiente em que vivemos. Todas participaram felizes e entenderam direitinho o recado.



Figuras 13 e 14: Palestra no dia do Meio Ambiente na Comunidade Ilha do Baixo.
Foto: Diego Costa de Oliveira, Junho, 2011.

O desenvolvimento sustentável que hoje o que mais se houve falar no momento, ainda deixa muito a desejar, só se houve falar, mas a maioria das pessoas não se preocupa em saber o que realmente significa o tão falado “desenvolvimento sustentável”, principalmente quando se fala em Amazônia todos falam em preservação, desenvolvimento, mas não cumprem o que realmente se propõe a fazer, que é o progresso sem degradação para o meio o ambiente e para as futuras gerações.

Devido à cheia histórica desse ano, que foi maior que a de 2009, não teve como dar continuidade as nossas atividades como as palestras sobre o meio ambiente e as oficinas realizadas com as mulheres da comunidade. Isso porque a partir de maio de 2012, águas começaram a subir mais do que o normal. Nesse período, pude perceber a diferença entre a cheia de 2011 e a de 2012.



Figuras 11 e 12: Fotos das cheias de 2011 e 2012, Santa Luzia.
Foto: Cleonice Oliveira de Andrade, junho 2011, abril 2012.

Voltamos em abril de 2012 para a realização da oficina de pintura em juta, desta vez em pintura em bolsa, feitas de fibras de juta. Essas bolsas seriam feitas para as mulheres participarem do seminário “Experiências Agroecológicas no contexto Amazônico”, que acontecerá dias 25 e 26 de junho de 2012. Elas ficaram responsáveis de confeccionar aproximadamente 200 bolsas para o seminário.

3. RESULTADOS E APONTAMENTOS

Durante o período da pesquisa que teve início em janeiro de 2011, através do Projeto de pesquisa Mulheres da Floresta: “Memória, território e políticas públicas nas várzeas do Amazonas”, financiado pelo CNPq, coordenada pela Prof. Dra. Kátia Helena Serafina Cruz Schweickardt, do Departamento de Ciências Sociais/ ICHL, os quais participam do Grupo de Estudos vários estudantes entre graduandos, mestrandos e voluntários.

O nosso grupo de estudos é formado pela professora Kátia Helena Serafina Cruz Schweickardt que é coordenadora do Projeto, Ana Gouvêa (aluna mestrado), Claudionei (aluno mestrado), Frederico (Aluno Mestrado), Álvaro (aluno mestrado), Gilberlene Sousa (aluna graduação PIBIC), Rebeca Magalhães (aluna graduação PIBIC), Cleonice de Andrade

(aluna graduação PIBIC), Karina Lilith(aluna graduação PIBIC), Diego Oliveira(aluno graduação PIBEX), Ana Kelly(aluna graduação-voluntária).Várias discussões acerca de temas relevantes para a pesquisa foram discutidos durante nossas reuniões e foi de total importância não só para mim, como pro grupo todo.

Em janeiro de 2011, estive pela primeira vez que estivemos na comunidade de Santa Luzia da Ilha do Baixo janeiro de 2011, foi nossa primeira reunião com as mulheres e com algumas lideranças. Nesse encontro estavam a professora Kátia, o Élcio, aluno de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade da Amazônia – PPGCASA, a Gilberlene e eu. Nosso objetivo era chegar até a comunidade da Ilha do Baixo para fazer nossa primeira reunião com as pessoas daquela comunidade, mas especificamente com as mulheres, particularmente, nunca tinha ido num lugar como esse. Fiquei encantada com tudo que vi ali.

Primeiro quando atravessamos o Cacau Pirera, fomos pela estrada asfaltada, depois pegamos uma estrada de barro, mas estava tranquilo, como é uma área de várzea, mas estava na época da seca, chegamos até a comunidade de carro. Quando enche, só se chega lá de voadeira. Chegando lá fomos bem recepcionados por todos que lá estavam, começamos nossa reunião com a professora Kátia fazendo sua exposição sobre o que nos iríamos fazer lá na comunidade, falou sobre o projeto Mulheres da Floresta, conversou com as mulheres dali, a professora se apresentou e também nos apresentou ,falou como cada um nós iríamos trabalhar, ela pediu que cada uma se apresentasse.



Figuras 15 e 16: Fotos da seca na Comunidade Ilha do Baixo.
Foto: Diego Costa de Oliveira, Setembro, 2011.

Todas se apresentaram, deram seus nomes, o que faziam para ajudar a comunidade, a maioria delas nasceu e se criaram na comunidade, sempre fazendo seus trabalhos domésticos

e na agricultura, mas também têm as professoras, as mulheres que trabalham de serviços gerais na escola.

Quando terminou a reunião, a professora Kátia perguntou se elas concordavam com o projeto, e todas concordaram, em seguida, agradecemos a colaboração de todos e nos despedimos, mas já com saudades, daquele lugar encantador. Mas, antes de partirmos, fomos conhecer um pouco da comunidade, vimos algumas hortas, com plantação de cebolinha, algumas casas construídas pelo INCRA, inclusive com ar condicionado, registramos esse momento com fotografias, foi um dia inesquecível. Nesse dia nós ficamos só até 12h30, porque foi só uma reunião de apresentação do projeto e para nós nos conhecermos melhor para o nosso próximo encontro com as mulheres da comunidade.

Quando voltamos para uma segunda visita na comunidade foi como se nós tivéssemos em um outro lugar, as paisagens se modificaram, onde tinha terra a água tomou conta das plantações, é o ciclo anual das águas.

Desta vez nossa viagem foi diferente da primeira vez que fomos à Ilha, pois agora está na época da cheia, e só se chega à comunidade de barco, a professora Kátia já tinha combinado com o senhor que iria nos levar até lá. Ajudamos a professora Kátia levar algumas coisas para o barco, pois nesse dia nós iríamos almoçar na comunidade e a professora levou alimentos para colaborar com o pessoal da comunidade.

Nós iríamos fazer nossa palestra sobre o dia internacional do meio ambiente para as crianças da comunidade na escola. A professora Kátia iniciou sua palestra sobre o dia mundial do meio ambiente explicando para as crianças como surgiu o dia mundial do meio ambiente e como é importante não só para os seres humanos como também para os animais a preservação do ambiente em que vivemos. Em seguida a professora Josane fez sua palestra com o tema “florestas: a natureza a seu serviço”, ela fala sobre a questão do lixo, a importância sobre a separação do lixo, como podemos conviver com o lixo sem degradar o meio ambiente, todos se interessaram muito pela palestra da professora Josane.

A palestra da professora Telma foi sobre a reciclagem, ela falou sobre as várias maneiras de se reciclar o lixo que consumimos no dia-a-dia como as garrafas pet, principalmente ensinando as crianças a não jogar as garrafinhas no rio, ela também ensinou sobre a reciclagem de outros objetos como as latinhas de refrigerante e suas tampinhas e as latas de leite e de outras latas também. Ela ensinou que com a reciclagem podemos diminuir a poluição do solo, da água e do ar, melhora a limpeza da cidade, a qualidade de vida da população, gera empregos para a população, entre outros benefícios.

A palestra da professora Rosa foi sobre o sabão ecológico, uma boa alternativa para preservar o meio ambiente. Ela falou da importância da preservação do meio ambiente, não jogando mais o óleo usado no rio, e sim juntar o óleo usado para a fabricação do sabão ecológico, ele é simples de fazer, é de pouco custo e rende bastante, todos ficaram bastante interessados na fabricação do sabão ecológico.



Figuras 17 e 18: Palestra no dia do Meio Ambiente, como preparar o sabão ecológico, na Comunidade Ilha do Baixio. Foto: Diego Costa de Oliveira, Junho, 2011.

Logo após a palestra fizemos interação com as crianças, a equipe improvisou uma dança com elas, foi a dança da cobra, elas se divertiram, em seguida a professora Telma dividiu a equipe para ficar responsável para contar historinhas sempre relacionadas com o meio ambiente para as crianças, depois de lermos as historinhas para elas, cada uma tinha que fazer catazes e frases representando o que podemos fazer para melhorar o ambiente em que vivemos.

A reunião com as mulheres da comunidade que teve início à tarde, estavam presentes algumas mulheres da comunidade, a professora Kátia pediu para que todas se apresentassem. Todas da equipe se apresentaram para as mulheres da comunidade, elas também fizeram suas apresentações, como a dona Maria Emília que é agricultora, Selma que trabalha na escola, Eliana que é professora, Elisângela que é agricultora e dona de casa, Delma que é agente comunitária (comunidade Nova Aliança), Fátima que é professora, Maria Barbosa que é dona de casa, Nonata que é professora, Amazonas que trabalha de serviços gerais na escola e é dona de casa, Ana Maria que “é agricultora e estudante, Shirley que é agricultora, Martinha que é agricultora, Raimunda que é professora, Maria Raimunda que é dona de casa, Gleiciane que é estudante e agricultora, Valdiza que é agricultora, Ana Cláudia que é agricultora, dona Raimunda que é agricultora e estudante, dona Graça Feitosa, que é do serviço social, Ângela

que é dona de casa, Fabiane que trabalha na administração, Daniela que é merendeira, dona de casa e estudante, Néia que é agricultora, auxiliar administrativa. Estavam presentes nesta reunião vinte e três mulheres da comunidade.

Depois que todas se apresentaram, a professora Kátia falou dos objetivos da reunião, da oficina de julho, da retomada do processo de organização do estatuto do grupo de mulheres unidas do Baixio. Então a professora deu início às palestras das professoras Telma e Rosa.

A professora Telma falou sobre a reciclagem para as mulheres da comunidade, sua importância e como preservar o meio ambiente, reciclando as embalagens pet e de lata fazendo sua reutilização.

A professora Rosa fez sua palestra sobre o sabão ecológico, falou para as mulheres que é uma boa alternativa para a preservação do meio ambiente, pois ele é feito com o óleo usado de cozinha, ele deu a receita como se faz o sabão ecológico, e elas gostaram muito da ideia, porque além de ecológico, elas poderão fazer uma economia, pois ele ficar com um preço acessível a todas. Quando acabou sua palestra ela pediu para que as mulheres juntassem seus óleos de cozinha usado para o próximo encontro, que todas iriam participar do processo de fabricação do sabão ecológico.

A próxima oficina que realizamos na comunidade foi sobre a fabricação de sabão ecológico. A cada visita vou presentindo que cada vez mais elas vão tendo confiança em nós, e vão se soltando mais. Antes de a professora Rosa começar a ensinar as mulheres da comunidade a fazer o sabão ecológico, a professora Kátia pediu que nós coletássemos algumas entrevistas com as mulheres que estavam lá na escola, foi nossa primeira experiência com entrevistas.

Pela manhã, começamos a oficina com a professora Rosa, ela levou alguns materiais para ensinar a fazer o sabão ecológico com as mulheres da comunidade. Ela começou a explicar o processo da produção do sabão, seus perigos e riscos, devido a soda cáustica. Ela explicou passo- a- passo todo o processo, depois ela pediu que todos fossem na cozinha para vê o outro passo da receita, que era o óleo e a água fervente. Todas acompanharam o processo da fabricação do sabão ecológico.

A professora Rosa explicou para as mulheres as utilidades do sabão ecológico, falou que ele serve para lavar louças, roupas, banheiros, calçadas, etc. Em seguida a professora Rosa juntamente com algumas mulheres ajudou a colocar o sabão em garrafas pet. A professora Rosa levou as mulheres para a cozinha para experimentar se o sabão ficou bom, e

elas aprovaram. A professora Rosa pediu para elas terem cuidado com as crianças, pois o sabão em garrafas pet parece com suco.

Elas se acharam satisfeitas, aprenderam a fazer o sabão ecológico que a professora Rosa ensinou, e todas levaram uma amostra do sabão que feito para casa.

Antes do almoço, ainda fiz mais uma entrevista, desta vez eu falei com a dona Roudinéia Silva dos Santos Santos, ela disse que mora há 29 anos na comunidade, falou um pouco da história da comunidade, da criação da comunidade começou com a igreja, clube de jovens, time de futebol, e aos poucos a comunidade foi se desenvolvendo. Ela falou de algumas pessoas da época em que começou a comunidade, como seu avô.

Dona Roudinéia disse que as principais mudanças da Ilha do Baxio de antes pra Ilha do Baixio de hoje, foram a energia elétrica, e a escola. Falou também que está muito satisfeita com a vida que leva na comunidade. Ela disse também que com o Projeto de Assentamento do Inca veio algumas mudanças para a comunidade para melhor, porque segundo ela algumas pessoas não tinham casa própria, moravam com seus familiares, hoje essas pessoas já possuem sua casa própria.

Pela tarde, começamos a reunião com as mulheres da comunidade. A professora Kátia começou a reunião com a discussão do projeto e seus objetivos. Depois ela passou um vídeo do CAPA (Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor), que foi criado pela Igreja Evangélica Luterana, nesse vídeo fala sobre a agricultura sem agrotóxicos, o pequeno agricultor tem mais consciência de plantar um alimento saudável.

Depois professora Kátia abriu a discussão sobre o projeto com o título: Mulheres Unidas da Ilha do Baixio: gênero e sustentabilidade na Amazônia, ela falou para as mulheres que o projeto foi aprovado e foi disponibilizado para o projeto uma quantia razoável para nós realizarmos nossas oficinas com as mulheres da comunidade.

Logo em seguida, a professora Kátia com a participação das mulheres da comunidade sugestões para as próximas oficinas, foi colocada várias propostas como: pinturas em guardanapos e toalhas, doces de frutas do local como: melancia, abóbora, caju, coco, banana e macaxeira esta última inclusive é novidade, uma moça da comunidade disse que sabe fazer brigadeiro de macaxeira.

Realizamos nossa primeira oficina de pinturas que foi realizada em agosto 2011. O professor Val inicia a oficina com as mulheres pela manhã, após o término dos desenhos, foi feita uma exposição dos desenhos feitos pelas mulheres para que elas comparassem seus

trabalhos artísticos com das outras. Essa oficina serviu para nos aproximarmos mais das mulheres da comunidade, pois nós ajudamos algumas delas na pintura.

Então acertamos as datas para as próximas oficinas: A oficina de pintura em pano de prato foi realizada em setembro, 2011, a oficina de doces foi realizada dia 20 de outubro de 2011.

A cada visita de campo nós percebíamos o quanto as paisagens mudam, ora na seca, ora na cheia, quanta diferença, a cada mês que nós vamos à comunidade, encontramos uma paisagem diferente, como está na época da vazante já notamos muito verde, o campo em frente a escola está muito bonito.

A pintura em pano de prato foi realizada pela professora Kika, antes de começar a ensinar para as mulheres as técnicas de pintura em tecido, ela perguntou o porque da ideia da oficina de pintura em tecido, a dona Ray falou que elas querem ter uma renda extra e divulgar no pano de prato a Festa das Hortaliças. Em seguida a professora Kika ensinou a técnica de pintura começando pelas misturas de cores, como as cores primárias que são o amarelo, azul e vermelho e das misturas delas podemos fazer as cores que desejarmos. A cada oficina realizada na comunidade, fazia com que nós nos aproximar-se cada vez mais das mulheres.

No início da oficina a Rebeca ajudou a dona Páscoa como é conhecida a dona Eunice pela comunidade, ela ajudou a transcrever o desenho dela para o pano, mas a dona Páscoa achou o desenho muito cheio de detalhes, então ela pediu para a professora kika fizesse outro desenho que fosse mais fácil para ela pintar e a professora fez um tomate grande com algumas flores ao redor, ela falou que elas podem usar as flores nos seus desenhos. A dona Páscoa ficou muito satisfeita com o desenho que a professora fez para ela pintar.

Elas foram finalizando seus trabalhos com muito carinho e dedicação. Enquanto eu e a Gil aproveitamos para fazer algumas entrevistas com as mulheres. Quando todas finalmente terminaram, foi feita uma exposição dos panos que elas pintaram, o resultado final ficou ótimo, todas estavam muita satisfeitas com o resultado.

Foi uma surpresa para as mulheres quando elas viram como ficaram bonitos seus desenhos, pois desde o início das oficinas de pintura, elas achavam que não iriam conseguir fazer os desenhos para o pano de prato. Todos os panos foram pintados com desenhos de frutas e hortaliças que a comunidade cultiva. Eles ficaram tão bonitos que elas conseguiram vender todos os panos de pratos que pintamos nas oficinas na Festa das Hortaliças, que foi realizada dias 04 e 05 de dezembro 2011.



Figuras 19 e 20: Oficina de pintura em pano de prato, Comunidade Ilha do Baixio.
Foto: Diego Costa de Oliveira, setembro, 2011.

A Ana fez os agradecimentos para as mulheres da comunidade por todas as contribuições, paciência e dedicação que elas nos recepcionaram, logo depois a professora Kika também fez seus agradecimentos e disse que gostou muito de tudo que ela viu e da dedicação delas na oficina. Além das oficinas também fizemos dinâmica com as mulheres, para nos aproximarmos mais delas e conhecê-las melhor.

Outra oficina que elas gostaram muito foi a de doces, pois elas poderiam aproveitar as frutas da época para fazer seus doces para o consumo e até mesmo para a venda. Fizemos a oficina de doces com professor Lamarão, que é engenheiro de alimentos da Ufam. Antes de começar a ensinar fazer os doces, o professor Lamarão fez uma palestra sobre como manipular os alimentos, pois foi de fundamental importância para as mulheres da comunidade.

Em fevereiro de 2012, retomariamos as nossas visitas de campo, para a continuação de nossas oficinas, seria a continuação das oficinas de doces com o Professor Lamarão da engenharia de alimentos, mas quando nós saímos da UFAM – Universidade Federal do Amazonas para o porto de São Raimundo, a professora Kátia recebeu uma ligação do pessoal da comunidade avisando que não poderíamos ir mais, porque estava chovendo muito e os carros estavam atolando, já que para chegarmos até a Ilha passamos por uma estrada de barro. Então decidimos que era melhor não continuar a viagem, pois nós estávamos no micro ônibus da Ufam, e se ele atolasse ai ficar difícil de sair do atolo.

Em março de 2012, retomamos a oficina de pintura novamente com a professora Kika, desta vez em juta. As mulheres sentiram dificuldades em trabalhar com a pintura em juta, mas com nas outras oficinas elas também conseguiram superar as dificuldades, iríamos trabalhar

com pinturas em tapete feitos da fibra da juta, já que a juta estaria voltando a ser cultivada em algumas comunidades próximas.



Figuras 21 e 22: Oficina de pintura em fibra de juta, Comunidade Ilha do Baixo.
Foto: Cleonice Oliveira de Andrade, abril, 2012.

Com pintura em fibra de juta, as mulheres, sentiram mais facilidade em desenhar, pois eram desenhos maiores que no pano de prato, mas elas sentiram dificuldade de pintar na fibra da juta, que é diferente da pintura no pano de prato, mas aos pouco foram se adaptando com a pintura.

Todas as pinturas ficaram muito bonitas, todos trabalharam com muita dedicação e tudo deu certo com o trabalho de pinturas em tapete, faltaram só os acabamentos, mas como elas são unidas, sabíamos que no tudo ai dar certo.

Ao chegar à Ilha percebi a diferença do ciclo das águas, estava mais cheio esse ano que no ano passado. Voltamos em abril de 2012 para a realização da oficina de pintura em juta, desta vez em pintura em bolsa, feitas de fibras de juta. Essas bolsas seriam feitas para as mulheres participarem do seminário “Experiências Agroecológicas no contexto Amazônico”, que acontecerá dias 25 e 26 de junho de 2012. Elas ficaram responsáveis de confeccionar aproximadamente 200 bolsas para o seminário.

Em abril já estava bem mais cheio do que no mês anterior, devido a enchente histórica de 2012, no mês de maio nós não fomos até a comunidade, mas ficamos de trazê-las para Manaus para elas fazerem uma visita na Ufam, e em alguns pontos históricos de Manaus, e fazer também nossa reunião sobre as confecções das bolsas para o seminário “Experiências Agroecológicas no contexto Amazônico”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o segundo semestre da pesquisa, ao analisar a participação das mulheres no processo produtivo da Ilha do Baixio a partir da percepção delas, conclui-se que as mulheres participam ativamente das atividades realizadas na comunidade. Elas participam tanto nos serviços domésticos, como na agricultura, no cultivo das hortaliças, algumas trabalham na escola da comunidade como professoras, serviços gerais e administrativos, outras já são aposentadas, mas continuam ajudando a família na agricultura.

Ao decorrer da pesquisa, através de entrevistas realizadas com as mulheres da comunidade, pode-se notar a participação delas nas atividades sociais, como as festas realizadas na Ilha, que tem uma das principais a festa das hortaliças, onde elas podem tanto vender as hortaliças cultivadas, como também as plantas medicinais. Algumas famílias possuem canteiros suspensos para o consumo próprio, já que na época da cheia elas não têm como plantar. A pesca também é realizada durante o período da cheia e vazante, que segundo elas, a maioria pesca tanto para o consumo próprio como para venda desses pescados.

As oficinas realizadas durante o decorrer da pesquisa pôde ajudar as mulheres a se retomar o Grupo de Mulheres Unidas do Baixio, que estava um há tempo desativado. Elas se dedicaram todas as reuniões realizadas pelo Grupo de Pesquisa: “Mulheres da Floresta”, que é coordenado pela professora Kátia Schweickardt, participando ativamente das oficinas realizadas pelo grupo, assim também como dando contribuições e sugestões para algumas oficinas. Essas oficinas irão ajudá-las a ter uma renda extra para ajudar a família, já que a maioria vive somente da renda da agricultura.

Em entrevistas realizadas com as mulheres da comunidade a maioria delas apesar de exercerem outras funções, todas se identificam como agricultoras, elas ajudam no cultivo das hortaliças, tanto para consumo quanto para a venda, mas segundo elas só a venda das hortaliças não chegam a ter renda mensal de um salário mínimo, chegando a passar por dificuldades financeiras na época da cheia. Algumas delas relataram também que pescam durante a época da cheia e também na vazante, para o consumo e algumas delas vendem o peixe para Manaus.

Com a implantação do Projeto de Assentamento Agroextrativista (PAE) do INCRA, segundo algumas entrevistas realizadas com as mulheres da comunidade, elas relataram que o mesmo trouxe benefícios para muitas famílias, como por exemplo, casa própria para filhos casados e demais parentes que moravam juntos. As casas são em madeira, feitas para área de várzea, algumas com ar condicionado, com a chegada da energia elétrica na comunidade,

aproximadamente há dez anos, elas dizem que a vida melhorou bastante, também relataram que a vida na comunidade é muito boa, principalmente porque a escola agora tem o ensino médio que antes não tinha que elas e nem seus filhos precisariam sair da comunidade para estudar, só quem quer prosseguir no ensino superior.

Antes da conclusão da ponte sobre o Rio Negro, os agricultores sentiam dificuldades para trazer seus produtos para vender para Iranduba e Manaus, com a conclusão da ponte, segundo elas, irá facilitar o acesso das famílias para o município de Iranduba e Manaus para a comercialização das hortaliças.

Assim sendo, com a renovação do projeto de pesquisa, iremos coletar mais material em campo, assim como realizar mais observações participantes, também pretendemos realizar mais oficinas do Projeto Mulheres da Floresta, com as mulheres da Comunidade de Santa Luzia da Ilha do Baixio, visando descrever e analisar de modo mais aprofundado acerca da contribuição das mulheres de uma comunidade amazônica para todo esse processo que vem ganhando voz nos processos de desenvolvimento mais sustentáveis a partir das mudanças sociais ocorridas na Amazônia, com destaque para um olhar sobre a vida na várzea.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AYRES, Márcio. **As matas de várzea de Mamirauá**: Médio Rio Solimões, Brasília, DF: CNPq: Sociedade Civil Mamirauá, 1993.

CONNERTON, P. **Como as sociedades recordam**. Oeiras: Celta Editora, 1993.

CIRYNO, Rafaela. Trabalho, temporalidade e representações sociais de gênero: uma análise da articulação entre o trabalho doméstico e assalariado. In: **sociologias**, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan/jun, 2009, p. 66-92.

ERICKSON, F. Qualitative Methods in Research on Teaching. In: M. C. Wittrock, **Handbook of Research on Teaching**, 3. Macmillan Publishing Company, 1990: 119-158.

FERRANTE, Vera Lúcia. Diretrizes Políticas dos mediadores: reflexões de pesquisas. IN: Leonildes Medeiros (Org). **Assentamentos rurais: uma visão multidisciplinar/organizadores**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1994- (Prisma). p.127-130.

FRAXE. Terezinha J.P. **Homens Anfíbios**: etnografia de um campesinato das águas. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Governo do Estado do Ceará, 2000.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC- Livros Técnicos e Científicos, 1989.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HOMMA, A cultura de juta e malva na Amazônia: sementes de uma nova racionalidade ambiental? IN: WITKOSCKI, Antônio Carlos, FERREIRA, Aldenor da Silva, HOMMA, Alfredo Kingo Oyama, FRAXE, Terezinha (Orgs). **A imigração japonesa no estado do Amazonas: a expansão da juta no médio e baixo Solimões**. São Paulo: Annablume, 2010. p.39-41.

HOMMA, Alfredo Kingo. A imigração japonesa na Amazônia: contribuição na agricultura e vínculo com o desenvolvimento regional. IN: HOMMA ET AL (Orgs). **Contribuição na Agricultura e Vínculo com o Desenvolvimento Regional**. Introdução. Manaus: Edua, 2011.p. 27-30

PALMEIRA, Moacir. Burocracia, política e reforma agrária. IN: Leonildes Medeiros (Org). **Assentamentos rurais: uma visão multidisciplinar/Organizadores**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1994.p.49-52.

PAULILO, Maria Ignez S. Movimentos das mulheres agricultoras e os muitos sentidos da “igualdade de gênero”. In: MAÇANO, Bernardo; MEDEIROS, Leonilde S.; PAULILO, Maria Ignez (org.) **Lutas Camponesas Contemporâneas**: condições, dilemas e conquistas. Vol.2. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.

SCHWEICKARDT, Kátia Helena S.C. **Projeto de Pesquisa Mulheres da Floresta: Memória, território e políticas públicas nas várzeas do Amazonas.** Manaus: UFAM/CNPq, 2010.

SCHWEICKARDT, Kátia Helena S.C. Estratégias e territorialização na Amazônia contemporânea a partir dos parâmetros ambientais. In: OLIVEIRA, José Ademir (org.) **Espaços Urbanos na Amazônia: Visões geográficas.** Manaus. Valer, 2011.